



III Congresso Nacional de Arquivologia

20 a 24 de outubro – Rio de Janeiro

Anais do III Congresso Nacional de Arquivologia
"Arquivologia e suas múltiplas interfaces"
Edição Ampliada



AAERJ

Associação dos Arquivistas
do Estado do Rio de Janeiro



ENARA

Executiva Nacional das Associações
Regionais de Arquivologia

De 20 a 24 de outubro de 2008
Rio de Janeiro

Executiva Nacional Das Associações Regionais De Arquivologia - ENARA

Coordenador: Daniel Beltran Motta

Entidades Filiadas:

ABARQ - Associação Brasiliense de Arquivologia

Presidente: Guaraci Paes

AAERJ - Associação dos Arquivistas do Estado do Rio de Janeiro (Coord.)

Presidente: Carlos Frederico Machado

AARQES - Associação dos Arquivistas do Estado do Espírito Santo

Presidente: André Malverdes

AAPR - Associação dos Arquivistas do Paraná

Presidente: Eleopécio Fiori

AABA - Associação dos Arquivistas da Bahia

Presidente: Pablo Soledade de Almeida Santos

Coordenação do III Congresso Nacional de Arquivologia

AAERJ - Associação dos Arquivistas do Estado do Rio de Janeiro

Coordenação Geral:

Daniel Beltran Motta - Coordenador da ENARA

Carlos Frederico Machado - Presidente da AAERJ

Anna Carla Almeida Mariz - Presidente da Comissão Científica do III CNA

Equipe de Apoio:

Alex Pereira de Holanda

Lucina Ferreira Matos

Marcelo Nogueira de Siqueira

Patrícia Kelly dos Santos

Paulo Rodrigues

Renato Motta

Vanessa de Arruda Jorge

Welder Antônio Silva

Wagner Ridolphi

Equipe de Divulgação:

Paraíba: Marcela Teixeira	Rio Grande do Sul: Vinícius Mitto Navarro
Bahia: Ricardo Sodré Andrade	São Paulo: Inaldo Nascimento Conceição
Goiás: José Adilson Dantas	Distrito Federal: Associação Brasiliense de Arquivologia – ABARQ
Paraná: Associação dos Arquivistas do Paraná – AAPR	Espírito Santo: Associação dos Arquivistas do Estado do Espírito Santo - AARQUES

Comissão Científica

Anna Carla Almeida Mariz, DSc (Presidente)

José Maria Jardim, DSc

Luiz Cleber Gak, DSc

Julia Bellesse da Silva Lins, DSc

Vanderlei Batista dos Santos, MSc

Daniel Flores, DSc

Elaine Coutinho Marcial, MSc

Márcia Valéria Brito Costa, MSc

Comissão de Apoio Científico:

Alex Pereira de Holanda

Lucina Ferreira Matos

Marcelo Nogueira de Siqueira

Vanessa de Arruda Jorge

Welder Antônio Silva

Equipe Editorial

Coordenação:

Anna Carla Almeida Mariz
Daniel Beltran Motta

Projeto Gráfico:

Anna Carla Almeida Mariz
Daniel Beltran Motta
Welder Antônio Silva
Michel El-Chaer Saddock de Sá

Redação e Organização:

Anna Carla Almeida Mariz
Daniel Beltran Motta
Lucina Ferreira Matos
Vanessa de Arruda Jorge
Welder Antônio Silva

Revisão:

Anna Carla Almeida Mariz
Daniel Beltran Motta
Vanessa de Arruda Jorge
Welder Antônio Silva

Edição e Distribuição:

ENARA - Executiva Nacional das Associações Regionais de Arquivologia
AAERJ - Associação dos Arquivistas do Estado do Rio de Janeiro
III Congresso Nacional de Arquivologia

C749t Congresso Nacional de Arquivologia (3. : 2008 : Rio de Janeiro, RJ)
III Congresso Nacional de Arquivologia : tema, arquivologia e suas múltiplas interfaces . – ed. aum. - Rio de Janeiro : ENARA : AAERJ, 2008.
1 cd-rom ; 4 ¾ pol.

1. Arquivologia - Congressos. I. Executiva Nacional das Associações Regionais de Arquivistas (Brasil).
II. Associação dos Arquivistas do Estado do Rio de Janeiro.
III. Título.

CDD: 027
ISBN: 978-85-62320-00-2

III Congresso Nacional de Arquivologia

Tema: "Arquivologia e suas múltiplas interfaces"

Eixos temáticos:

- A Arquivologia contemporânea: métodos, objetos e dimensões teóricas.
- A Arquivologia e suas relações com outros campos do conhecimento (seja nas práticas profissionais ou na produção do saber arquivístico)

Áreas de concentração:

1. Ensino e pesquisa em Arquivologia
2. Políticas arquivísticas
3. Normalização arquivística
4. Gestão e preservação de documentos digitais
5. Gestão e preservação de documentos audiovisuais
6. Tendências no mercado de trabalho
7. Relações interdisciplinares: confluências e antinomias.

Ementa:

A Arquivologia como território interdisciplinar. A arquivologia e as ligações que podem contribuir para o seu desenvolvimento. Os pontos de união com as outras áreas com as quais se relaciona e/ou faz fronteira, a compreensão dessas relações, os pontos de convergência e divergência e as disciplinas que favorecem os estudos arquivísticos e são favorecidas por eles. A arquivologia e o seu próprio território. A relação entre as partes do todo. O fortalecimento e o desenvolvimento da arquivologia. Reflexões sobre a área e as questões referentes ao seu objeto de estudo, considerando as suas especificidades.

Sessão de Abertura

Dia 20/10 – Arquivo Nacional
18hmin – 21h00min

Palestra:

Construção das múltiplas interfaces da Arquivologia

Maria Izabel de Oliveira

Sessões Plenárias

Dia 21/10 - Auditório – 25º andar
9h00min - 12h30min

Ensino e Relações Interdisciplinares da Arquivologia

Mediador: Renato Tarciso Barbosa de Sousa

Palestras:

Dimensões interdisciplinares da Arquivologia
José Maria Jardim

Ensino: tendências para a formação em Arquivologia
Luiz Cleber Gak

**Archivística y Sociedad. Un alianza imprescindible para el afianzamiento de la
profesión**
Maria da Paz Martín-Pozuelo Campillos

Dia 23/10 - Auditório – 25º andar
9h00min - 12h30min

Gestão e Preservação de Documentos Digitais

Mediador: Vanderlei Batista dos Santos

Palestras:

Fatores de risco de perda de documentos eletrônicos de caráter arquivístico
Mário Augusto Muniz Guedes

**Certificação Digital integrada ao GED: conceitos,
fundamentos, aplicabilidades e desafios para migração de documentos
analógicos para digitais**
Stefano Kubiça

Dia 24/10 - Auditório – 25º andar
9h00min - 12h30min

Normalizações e Políticas Arquivísticas

Mediador: Paulo Knauss

Palestras:

Normas e Políticas Públicas Arquivísticas: uma abordagem conceitual
Ana Celeste Indolfo

ISDF: Uma nova norma para a recuperação do contexto
Vitor Manoel Marques da Fonseca

Análisis prospectivo de las políticas archivísticas en España
Maria da Paz Martín-Pozuelo Campillos

Comunicações Livres

Dia 21/10 - Sala 4 – 18º andar
14h00min – 17h30min

Moderador: Ricardo Sodré Andrade
(Mestrando em Ciência da Informação - UFBA)

Programa de Gestão Documental do Estado do Espírito Santo– PROGED
Alessandra Baptista Lyrio, Herlon Nardoto Gomes, Sandro Pandolpho da Costa,
Jussara Texeira, Ruth Mirian Salay de Mello, Aline Souza Gaigher, Silas Raasch

Integração de instrumentos de gestão documental ao sistema de correspondência e processos administrativos da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC)

Vânia Medeiros Ribeiro, Maria Lourdes Blatt Ohira, Delsi Fries Davok

Gestão Arquivística de Documentos no Jornal Correio Braziliense: do planejamento à ação

Vânia Caldas, Paulo Vinícius Sette de Lima Mello, Michelle Ribeiro Cortês

Sistema de Acervos e Arquivos da Universidade Federal do Rio Grande do Sul: o projeto-piloto na Faculdade de Ciências Econômicas

Flavia Helena Conrado, Maria do Rocio Fontoura Teixeira

A gestão arquivística em uma instituição de ensino em saúde: um estudo de caso

Aline Pestana de Menezes, Ana Carolina Andrade dos Santos, Janete Romeiro, José Mauro da Conceição Pinto, Rodrigo Ferreira do Carmo

Padronização de instrumentos de classificação de documentos arquivísticos: uma proposta para as Instituições Federais de Ensino Superior e Tecnológico do Ministério da Educação

Inaldo Nascimento Conceição

Identificação de tipologias documentais como parâmetro para avaliação de documentos contábeis

Rafaela Augusta de Almeida

Dia 21/10 - Sala 5 – 18º andar
14h00min – 17h30min

Moderadora: Lucina Ferreira Matos
(Mestranda em História, Política e Bens Culturais - FGV)

A contribuição da Arquivística para a gestão do acervo fotográfico de um Museu: O caso do Museu Histórico e de Artes de Ibiporã – PR - “Espaço de Memória”

Gleice Carlos Nogueira Rodrigues

**Acervo fotográfico: produto das funções e atividades da Escola de
Enfermagem Nossa Senhora Medianeira**
Luciana Souza de Brito

**Caricatura: análise, interpretação e representação documentária da
imagem/texto**
Rita de Cássia Souza Ribeiro

Representação e uso da fotografia jornalística em banco de imagens
Joice Cleide Cardoso Ennes de Souza

A migração de suporte para preservação do acervo sonoro da Rádio MEC
Marcelo de Oliveira Albuquerque e Munik de Araujo Miranda

Nova dança para uma velha orquestra: os sistemas nacionais de informação
Miriane da Costa Peregrino

**A engenharia social e os profissionais da informação de arquivos
empresariais**
Tiago Braga da Silva, Attilio Provedel

Dia 22/10 - Sala 4 – 18º andar
14h00min – 17h30min

Moderador: André Ricardo de A. V. Luz
(Mestrando em Ciência da Informação - UFF/IBICT)

**Fluxos documentais em ambientes empresariais: características, tipologias e
usos**
Danilo André Bueno, Marta Lígia Pomim Valentim

Letramento digital: um subsídio na formação do profissional arquivista
Carlos Eugênio da Silva Neto, Janecely Silveira de Lima, João Wandemberg Gonçalves
Maciel

**Uma nova geração de instrumentos arquivísticos de referência: a publicação
dos produtos das descrições arquivísticas em meio eletrônico**
Ricardo S. Andrade, Rubens R. G. da Silva

**Repositórios Digitais e unidades de informação tradicionais e suas interfaces
na Sociedade Informacional**
Sílvia Mendes Masson

**Documentos eletrônicos em processos comerciais: o caso das cidades de
Angra dos Reis (RJ) e São Paulo (SP)**
Alexandre de Souza Costa, Alexandre de Souza Pontes

Projeto de modernização dos arquivos do TJDF – ÁREA-FIM – PROMA

Otacílio Guedes Marques

Proposta de critérios para escolha de software gerenciador de arquivo: o caso do Centro de Memória da Extensão da UFES

Alzinete Maria Rocon Biancardi, Edílson Freire Filho, Luiz Carlos da Silva

Assinatura digital como fenômeno infocomunicacional: estudo de caso no judiciário brasileiro

Moisés Rockembach, Lizete Dias de Oliveira

Dia 22/10 - Sala 5 – 18º andar
14h00min – 17h30min

Moderador: Flávio Leal da Silva

(Professor da UNIRIO e Doutorando em Memória Social – UNIRIO)

O arquivo e a memória das minorias sociais: um estudo do fundo “Grupo Somos” do Arquivo Edgard Leuenroth

Antonio Gouveia de Sousa

Memória do trabalho: o tratamento do fundo documental do Sindicomerciários-ES e a sua importância para a história local

André Malverdes

Arquivos pessoais como fonte de pesquisa para a Memória Institucional

Renato Crivelli Duarte

Estudo dos princípios de indexação e recuperação da informação em entrevistas de história oral

Daniele Cavaliere Brando

Usuários e pesquisas do arquivo da Casa de Memória Edmundo Cardoso (ACMEC)

Tassiara Jaqueline Fanck Kich, Carlos Blaya Perez

Estudo de usuários como instrumento para gestão de arquivos permanentes: aplicação na Casa de Oswaldo Cruz/FIOCRUZ

Ivone Pereira de Sá, Jean Maciel Xavier

Tratamento da documentação processual manuscrita do acervo do Tribunal Regional Federal do Rio de Janeiro século XIX e XX - características e peculiaridades

Solange Barbosa Bittencourt, Rosangela Maria Gaudie Ley Meneses

Antecedentes y perspectivas de la gestión del conocimiento en el Archivo Nacional de la República de Cuba desde la actividad de superación y postgrado visto a través de fuentes documentales

Edison Yamir Toledo Díaz

Dia 23/10 - Sala 4 – 18º andar
14h00min – 17h30min

Moderador: Welder Antônio Silva
(Mestrando em Ciência da Informação – UFF/IBICT)

A noção de informação arquivística na produção de conhecimento em
Arquivologia no Brasil (1996-2006)
Eliezer Pires da Silva

A produção científica relacionada à Arquivística no Brasil: configuração de
um campo extradisciplinar
Angelica Alves da Cunha Marques, Georgete Medleg Rodrigues

A construção discursiva em Arquivologia: aspectos conceituais
Thiago Henrique Bragato Barros, João Batista Ernesto de Moraes

A trajetória da Arquivologia: três visões sobre os arquivos
Eliezer Pires da Silva

A formação do estudante de Arquivologia da Universidade Estadual da
Paraíba
Aryelly S. C. de Sousa, Francinete F. de Sousa, Josivan Soares Ferreira, José Tavares dos Santos

O mercado de trabalho do profissional arquivista da UEL face à sua formação
Edilene Fatel Aureliano, Gisele Barreiros Oliveira, Linete Bartalo

A importância da leitura para os discentes do Curso de Arquivologia da
Universidade Estadual da Paraíba/UEPB
Josivaldo Soares Ferreira, Josivan Soares Ferreira, Marli Batista Fidelis, Josenildo Forte de Brito

Monitoria Eletrônica e Hipertextos: relevância de sua aplicação no ensino aos
profissionais da informação
Fernanda Pereira, Benildes Coura M. S. Maculan, Gercina Angela Borém O. Lima

Trabalhos apresentados nos Eventos Paralelos

21/10 - Auditório - 25º andar
14h00min – 17h30min

IV Reunião de Arquivos Judiciais

Gestão de documentos no Poder Judiciário do Estado do Rio de Janeiro: uma evolução em gestão de documentos públicos
Gilberto de Souza Cardoso

22/10 - Auditório – 22º andar
09h00min – 12h30min

I Encontro Nacional de Arquivos Médicos

Projeto de revitalização e modernização dos Arquivos Médicos
Vania Franco de Oliveira

22 /10 - Sala 1 - 18º andar
09h00min – 12h30min

I Encontro Nacional de Documentação do Setor Energético

Nível de satisfação da organização documental da Usina Hidrelétrica de Itiquira – MT
Mariza Inês da Silva Pinheiro, Josilaine Oliveira César

23/10 - Sala 1 - 18º andar
14h00min – 17h30min

V Encontro de Paleografia e Diplomática

A Diplomática Arquivística Contemporânea: o papel teórico de Luciana Duranti
Natália Bolfarini Tognoli

22/10 - Auditório – 22º andar
14h00min – 17h30min

II Encontro de Arquivos do Poder Legislativo

Os arquivos do Poder Legislativo da Paraíba: uma proposta de gestão documental
Ana Isabel de Souza Leão Andrade

Agradecimentos

Ana Lúcia Ferreira Gonçalves

André Ricardo Luz

Anna Szlejcher

Beatriz Kushnir

Carla Cavalcante de Hollanda

Carlos Wilton

Charley Luz

Cláudia Bemfica

Clube de Engenharia

Conselho Nacional de Arquivos

Ely Bastos de Lima

Fernanda Soares

Flávio Leal da Silva

João Euripedes Franklin Leal

João Nepomuceno

Lamberto Ricarte Serra Júnior

Marcos Moyses da Cunha

Maria Luiza Cavalcanti Jardim

Roberto da Costa Cardoso

Secretaria de Turismo da Prefeitura do Rio

Tereza Eleutério de Sousa

Vânia Maria Franco de Oliveira

Abertura do Congresso

A construção das múltiplas interfaces da arquivologia	18
---	----

Sessões Plenárias

Dia 21-10 Tema: Ensino e Relações Interdisciplinares da Arquivologia

Resumo do Mediador	27
--------------------	----

Ensino e relações interdisciplinares da Arquivologia	30
--	----

Ensino: tendências para a formação em Arquivologia	44
--	----

Archivística y Sociedad. Un alianza imprescindible para el afianzamiento de la profesión
(Texto não enviado pela palestrante)

Dia 23-10 Tema: Gestão e Preservação de Documentos Digitais

Resumo do Mediador	60
--------------------	----

Fatores de Risco de Perda de Documentos Eletrônicos de Caráter Arquivístico	63
---	----

Certificação Digital integrada ao GED: conceitos, fundamentos, aplicabilidades e desafios para migração de documentos analógicos para digitais	99
--	----

Dia 24-10 Tema: Normalizações e Políticas Arquivísticas

Resumo do Mediador	123
--------------------	-----

Normas e políticas públicas arquivísticas: uma abordagem conceitual	126
---	-----

ISDF: uma nova norma para a recuperação do contexto	138
---	-----

Análisis prospectivo de las políticas archivísticas en españa (Texto não enviado pela palestrante)

Comunicações Livres

Dia 21-10 sala 4

Resumo do moderador	146
Programa de gestão documental do estado do Espírito Santo – PROGED	148
A Gestão Arquivística em uma Instituição de Ensino em Saúde: um Estudo de Caso	157
O Sistema de Acervos e Arquivos da Universidade Federal do Rio Grande do Sul: um relato das atividades do projeto-piloto de organização do acervo documental da Faculdade de Ciências Econômicas	170
Padronização de instrumentos de classificação de documentos arquivísticos: uma proposta para as instituições federais de ensino superior e tecnológico do ministério da educação.	185
Gestão arquivística de documentos no jornal correio brasileiro : do planejamento à ação	203
Identificação de tipologias documentais como parâmetro para avaliação de documentos contábeis.	223
Integração dos instrumentos de gestão documental ao sistema de correspondência e processos administrativos (CPA) da universidade do estado de santa catarina (UDESC)	249

Dia 21-10 sala 5

Resumo do moderador	267
A engenharia social e os profissionais da informação de arquivos empresariais	269
A contribuição da arquivística para a gestão do acervo fotográfico de um museu.	283
Representação e uso da fotografia jornalística em banco de imagens	300
Acervo fotográfico: produto das funções e atividades da Escola de Enfermagem. Nossa Senhora Medianeira de Santa Maria	319
A migração de suporte para preservação do acervo fonográfico da rádio MEC	333
Nova dança para uma velha orquestra os sistemas nacionais de informação	346
Caricatura: análise, interpretação e representação documentária da imagem/texto	366

Dia 22-10 sala 4

Resumo do moderador (Texto não enviado pelo moderador)

Documentos eletrônicos em processos comerciais: o caso das cidades de Angra dos Reis (RJ) e São Paulo (SP)	386
Fluxos documentais em ambientes empresariais: características, tipologias e usos	405
Letramento digital: um subsídio na formação do profissional arquivista	416
Proposta de Critérios para Escolha de Software Gerenciador de Arquivo: O Caso do Centro de Memória da Extensão da Ufes	430

Assinatura digital como fenômeno infocomunicacional: estudo de caso no judiciário brasileiro	440
Projeto de modernização dos arquivos do TJDFT – área-fim – PROMA	453
Uma nova geração de instrumentos arquivísticos de referência: a publicação dos produtos das descrições arquivísticas em meio eletrônico	468
Repositórios Digitais e unidades de informação tradicionais e suas interfaces na Sociedade Informacional	482

Dia 22-10 sala 5

Resumo do moderador	503
Memória do trabalho: o tratamento do fundo documental do Sindicomerciários-ES e a sua importância para a história local	505
O arquivo e a memória das minorias sociais: um estudo do fundo grupo 'Somos' do arquivo Edgard Leuenroth	514
Estudo dos princípios de indexação e recuperação da informação em entrevistas de história oral	526
Antecedentes y perspectivas de la gestión del conocimiento en el Archivo Nacional de la República de Cuba desde la actividad de superación y postgrado visto a través de fuentes documentales.	539
Estudo de Usuários como instrumento para gestão de arquivos permanentes: aplicação na Casa de Oswaldo Cruz/FIOCRUZ	555
Arquivos pessoais como fonte de pesquisa para a Memória Institucional	566
Tratamento da documentação processual manuscrita do acervo do tribunal regional federal do Rio de Janeiro século XIX e XX – características e peculiaridades	579
Usuários e pesquisas do arquivo da casa de memória Edmundo Cardoso (ACMEC)	594

Dia 23-10 sala 4

Resumo do moderador	610
A produção científica relacionada à Arquivística no Brasil: configuração de um campo extradisciplinar	618
A trajetória da arquivologia: três visões sobre os arquivos	636
A noção de informação arquivística na produção de conhecimento em arquivologia no Brasil (1996-2006)	656
Monitoria Eletrônica e Hipertextos: relevância de sua aplicação no ensino aos profissionais da informação	676
A formação do estudante de arquivologia da universidade estadual da Paraíba	687
O mercado de trabalho do profissional arquivista da Universidade Estadual de Londrina–UEL–face à sua formação	701
A importância da leitura para os discentes do curso de arquivologia da universidade estadual da Paraíba/UEPB	717
A construção discursiva em arquivologia: aspectos conceituais	734

Eventos Paralelos	
I Encontro Nacional de Arquivos Médicos	
Projeto de revitalização e modernização dos arquivos médicos	754
I Encontro Nacional de Documentação do Setor Energético	
Nível de satisfação da organização documental da usina hidrelétrica de Itiquira – MT	771
II Encontro de Arquivos do Poder Legislativo	
Os arquivos do poder legislativo da Paraíba: uma proposta de gestão documental	788
IV Reuniões de Arquivos Judiciais	
Gestão de documentos no poder judiciário do estado do Rio de Janeiro	801
V Encontro de Paleografia e Diplomática	
A diplomática arquivística contemporânea: o papel teórico de Luciana Duranti	824



**ENARA - Executiva Nacional das
Associações Regionais de Arquivologia**

Arquivistas unidos pelo fortalecimento da profissão!!!

Plenária: Ensino e Relações Interdisciplinares da Arquivologia

As relações interdisciplinares da Arquivologia

Comunicação proferida pelo Prof. Dr. José Maria Jardim

Bom dia a todos.

É um prazer participar desse Congresso, especialmente desta primeira sessão, na qual se aborda um tema que me é tão caro e, sobretudo, poder fazê-lo em uma mesa com esses colegas: os professores Luiz Cleber Gak, Renato Tarciso Barbosa de Souza e Maria Paz Martín-Pozuelo Campillos. Quero agradecer o convite dos organizadores para estar aqui hoje e parabenizar a todos os organizadores e participantes deste Congresso que certamente será um sucesso.

Vou abordar o tema “*As relações interdisciplinares da Arquivologia*”, na perspectiva de favorecer a discussão sobre as dimensões epistemológicas do campo, bem como o seu impacto no ensino (na graduação e pós-graduação) e na pesquisa em Arquivologia.

O saber e o fazer arquivísticos vêm se modificando profundamente nas duas últimas décadas. Essas alterações têm ocorrido de forma diferenciada em distintas partes do mundo e em ritmos variados. Apesar dessas diferenças, é possível identificar uma certa convergência na percepção da comunidade arquivística internacional sobre um novo cenário, marcado por uma dinâmica complexa, caracteriza a Arquivologia contemporânea. Isso é evidenciado nos congressos nacionais, internacionais e em boa parte da literatura arquivística. Alguns aspectos, a meu ver, expressam esse cenário que se modificou e segue em constante modificação:

- as novas configurações na produção, uso e conservação da informação arquivística;
- os novos fazeres demandando novos saberes arquivísticos;
- as novas dinâmicas organizacionais nos setores público e privado;
- as novas demandas informacionais por parte da sociedade;
- as novas necessidades na formação dos arquivistas;
- as novas representações sociais do que é um arquivista;
- os questionamentos dos arquivistas sobre o que é um arquivista nesse cenário de mudanças;
- as demandas de conhecimento arquivístico;



- os novos lócus de produção e difusão de conhecimento arquivístico;
- as novas agendas de pesquisa em Arquivologia; e
- as reflexões emergentes sobre o objeto da Arquivologia, as nossas teorias e nossos métodos neste cenário de futuras modificações.

O teor de inovações nesse cenário, logicamente, não é o mesmo em todos esses aspectos e nem tampouco as demandas emergentes surgem e são percebidas da mesma forma e com a mesma sincronia em diversas realidades sociais. Por outro lado, esses novos desafios não significam necessariamente rupturas e descontinuidades com a Arquivologia estruturada na Europa no final do século XIX.

Com muita frequência, as melhores e mais consistentes respostas ou hipóteses voltadas para esses novos desafios da Arquivologia nas duas últimas décadas, significam um profundo e saudável reconhecimento da história da Arquivologia. É fundamental, num momento como esse, termos muito claro esse percurso histórico da Arquivologia, em um plano internacional e em plano nacional.

A releitura e re-significados de princípios fundadores da Arquivologia, à luz da contemporaneidade, tem se revelado um exercício saudável no reconhecimento de novas indagações e no encontro de novas respostas. Essa atitude nada tem de conservadora. Ao contrário, é altamente ousada do ponto de vista intelectual e, claro, muito delicada. É nessa dialética, envolvendo a leitura contemporânea do passado e os deslocamentos no presente que as ciências - no nosso caso, a ciência arquivística - constroem percursos futuros.

Portanto, neste contexto em que estamos vivendo, a sedução por reduzir a Arquivologia a adjetivos pode ser um equívoco. Sem excluir todos os méritos de hipóteses ricas que lhe são subjacentes, a Arquivologia não é apenas pós-custodial, não é apenas pós-moderna, não é apenas integrada. A Arquivologia é! Ponto! Gerar uma espécie de auto-explicação, às vezes de forma imediatista e até banal sobre a Arquivologia e pretensamente refundá-la é minimizar o alcance das possibilidades epistemológicas da própria área, tendo em conta o seu próprio percurso histórico.

A Arquivologia não precisa ser refundada. A Arquivologia demanda, cada vez mais, ser repensada constantemente nas nossas práticas diversas, para além do conforto dos manuais cujas perguntas e respostas foram suficientes durante tantos anos.

Precisamos repensar a Arquivologia para reconhecermos novas perguntas e buscarmos novas respostas. Isso é mais relevante, do ponto de vista científico, do que a classificação da Arquivologia, às vezes de forma apressada, pelo uso de etiquetas bem intencionadas, porém em alguns casos, até mesmo ingênuas em termos epistemológicos.

Portanto, refiro-me aqui à Arquivologia enquanto disciplina científica que requer de todos nós uma atitude científica sem, no entanto, resvalarmos em um cientificismo barato ou numa Arquivologia que é apenas interpretada como um conjunto de normas.



As normas são fundamentais, porém não podemos esquecer que as normas se constituem em dispositivos de teor estritamente prescritivo e datado. Só produziremos normas consistentes e que cumpram os seus objetivos numa dada realidade e durante um determinado tempo se tivermos respaldo na pesquisa científica e na educação de qualidade. Se não soubermos disso, só saberemos o valor das normas, mas jamais o valor de produzirmos conhecimentos em termos científicos e, sobretudo, jamais saberemos o valor dos desvios que resultam do que transcende a norma.

Um campo científico se faz também com seus desvios. Muitas vezes, é a partir do reconhecimento dos desvios que se produzem novas normas, como sempre e inevitavelmente datadas. Elas não são produzidas para durarem eternamente, especialmente se considerarmos que são irrigadas pela pesquisa e pela educação de qualidade. Ou seja, o arquivista deve produzir conhecimento científico do qual resultam, inclusive, mas não só, normas de qualidade. Ao atuar como um profissional que dispõe de conhecimentos científicos, o arquivista produz a norma arquivística, mas não deve tornar-se refém dela. Até porque, nem todo fenômeno arquivístico é normatizável. Da mesma forma, nem todo fenômeno arquivístico era passível de ser enquadrado nos manuais que durante muitos anos nortearam a área.

Não pretendo minimizar o papel dos manuais, mas estes não sintetizavam necessariamente, sobretudo nos últimos vinte anos, o nosso elenco de perguntas e respostas para a área. Mais que isso, não expressavam uma nova lógica de produção de questionamentos e hipóteses. Ao reconhecermos isso, inevitavelmente nos defrontamos com as dimensões interdisciplinares da Arquivologia. De imediato, sugiro algumas questões. Não tenho, porém, nenhuma pretensão de respondê-las neste momento. Na verdade, estou trazendo para vocês algumas inquietações que me chamam a atenção.

Por que nós temos discutindo tanto as relações interdisciplinares da Arquivologia com outros campos nos últimos anos, especialmente no caso brasileiro, com a Ciência da Informação?

Esse debate, muito freqüente no Brasil, é reflexo de uma tendência internacional?

Em outros países de forte tradição arquivística esse debate é tão evidente?

Essas co-relações tão debatidas no campo da Ciência da Informação são também alvo de reflexões na Administração, na História, na Ciência da Computação (áreas que de imediato vem à tona como campos com os quais nós desenvolvemos relações interdisciplinares)?

E essas outras dimensões interdisciplinares da Arquivologia, exteriores àquelas com a Ciência da Informação, que não são tão discutidas no momento?

E as clássicas relações da Arquivologia com a Administração e a História? E os outros campos das Ciências Sociais?

Será que essa discussão está tão resolvida ou naturalizada, ao ponto do debate a respeito parecer dispensável?



Essas questões, evidentemente, exigem investigações sistemáticas. É uma agenda de pesquisa que, acredito, pode ser interessante, até porque a literatura em Arquivologia e nos demais campos que mencionei parece não dar conta, no momento, dessas questões. Há, no entanto, algumas pistas e indicadores que se não nos permitem respondermos a essas perguntas em toda sua extensão, talvez nos ajudem a levantarmos aqui algumas hipóteses.

Para isso, gostaria antes de especificar alguns elementos do campo arquivístico, estabelecer algumas considerações sobre disciplina, disciplinaridade e interdisciplinaridade.

Uma disciplina científica, segundo Heckhausen(1972), envolve sete critérios: o domínio material ou objeto de estudo; o conjunto dos fenômenos que são observados; o nível de integração teórica; os métodos; os instrumentos de análise; as aplicações práticas; e as contingências históricas.

Conforme Legendre apud Maheu (2008), em termos epistemológicos, uma disciplina é o “domínio estruturado do saber que possui um objeto de estudo próprio, um esquema conceitual, um vocabulário especializado e, ainda, um conjunto de postulados, conceitos, fenômenos particulares, métodos e leis.” Refiro-me, neste caso, à disciplina como um ramo do saber e não como componente curricular.

Devemos considerar ainda que uma disciplina é uma atividade socialmente organizada, que pressupõe um discurso e uma prática que constitui um corpo de conhecimento envolvendo uma comunidade de especialistas dessa ciência. Uma disciplina científica envolve organizações científicas que reconhecem quem é ou não membro do corpo de cientistas, que definem regras deontológicas e metodológicas. Uma disciplina científica pressupõe a existência de publicações especializadas, regras de qualidades para os trabalhos a serem publicados e apresentados nos congressos.

Tendo em vista esta disciplinaridade, gostaria de balizar um pouco mais alguns elementos em torno da interdisciplinaridade.

A história da Ciência revela, especialmente a partir do século XX, sob o norteammento da racionalidade capitalista, uma forte tendência daquilo que vários autores chamam de fragmentação do saber, ou seja, um quadro de excessiva especialização científica.

Se, de um lado, a fragmentação da ciência favoreceu diversas conquistas científicas em vários momentos, a partir do século XX, por outro lado, este seria um obstáculo a novos avanços científicos. Ou seja, o excesso de especialização impediria hoje uma percepção mais ampla do real e diminuiria as possibilidades da ciência enquanto conhecimento efetivamente a favor do desenvolvimento humano e social. Nesse cenário, o cientista é convidado a um olhar não exclusivamente especializado, mas também transversal.

Como menciona Olga Pombo (2005), “... o progresso da investigação faz-se, cada vez mais, não tanto no interior dos adquiridos de uma disciplina especializada, mas no



cruzamento das suas hipóteses e resultados com as hipóteses e os resultados de outras disciplinas.”

Quando estamos aqui a falar de interdisciplinaridade, estamos a tentar o mapeamento de possibilidades de cruzamento de hipóteses da Arquivologia, de resultados da Arquivologia com as hipóteses e resultados de outros campos.

O projeto interdisciplinar ganhou bastante adesão do mundo científico. Não há dúvidas de que se trata de uma perspectiva extremamente rica. A própria professora Olga Pombo menciona que a interdisciplinaridade segue um curso que, a essa altura, independe em boa parte de uma decisão individual de um cientista ou de um grupo de cientistas. Isso se dá na medida em que passa a ser um imperativo de “uma maneira contemporânea de pensar um conjunto de fenômenos que não são apenas objetos de um determinado campo” (POMBO, 2005). Paralelamente, esse reconhecimento parece convidar a uma certa banalização do termo, ou seja, tudo fica muito interdisciplinar no discurso. Como que na prática, efetivamente, conseguimos diferenciar a interdisciplinaridade para além da retórica sedutora, convidativa e, de imediato, extremamente rica? E afinal de contas, o que é isso? O que é interdisciplinaridade?

“A minha proposta é muito simples. Passa por reconhecer que, por detrás destas quatro palavras, multi, pluri, inter e transdisciplinaridade, está uma mesma raiz – a palavra disciplina (que nós falamos há pouco). Ela está sempre presente em cada uma delas. O que nos permite concluir que todas elas tratam de qualquer coisa que tem a ver com as disciplinas. Disciplinas que se pretendem juntar: multi, pluri, a idéia é a mesma. Juntar muitas, pô-las ao lado uma das outras. Ou então articular, pô-las inter, em inter-relação, estabelecer entre elas uma relação recíproca..” (POMBO, 2005)

Nesse quadro de transformação epistemológica do plano científico, Pombo (2005) sugere-nos que *“onde nós esperávamos encontrar o simples, estamos encontrando o complexo, o infinitamente complexo”*. Que *“quanto mais fina é a análise, maior a complexidade que se abre à nossa frente”*. E, portanto, que

“o todo não é a soma das partes. Sem interesse real, e isso é fundamental, por aquilo que o outro tem para dizer não se faz interdisciplinaridade. Só há interdisciplinaridade se somos capazes de partilhar o nosso pequeno domínio do saber, se temos a coragem necessária para abandonar o conforto da nossa linguagem técnica e para nos aventurarmos num domínio que é de todos e de que ninguém é proprietário exclusivo.” (POMBO, 2005)

No caso da Arquivologia, sem me aprofundar aqui na história do campo, é impossível não levarmos em conta alguns momentos significativos para visualizarmos o impacto desses marcos na construção de relações da Arquivologia com outros campos.

Se a publicação do manual dos holandeses em 1898 é um marco fundador da Arquivologia, a sua configuração como área está fortemente ligada à invenção dos arquivos públicos como instituição, a partir da Revolução Francesa e a um conjunto de práticas na organização dos arquivos do Estado moderno. A Arquivologia como saber de Estado, é filha do Estado moderno europeu, fortemente associada, naquele momento, ao



quadro de uma memória que é identificada e que é construída como referência à nacionalidade dos Estados.

Até meados do século XX, predomina o entendimento do arquivo histórico como objeto da Arquivologia que se estrutura então como “ciência auxiliar” da História.

Nesse momento, o fazer arquivístico exige do arquivista não apenas a teoria arquivística em seu estado de construção. Exige também conhecimentos da História e do Direito.

A crescente intervenção do Estado na vida social, sobretudo após a II Guerra, propiciam a emergência dos princípios relacionados à gestão de documentos (especialmente no mundo anglo-saxão), à idéia de ciclo vital e à reconfiguração das instituições arquivísticas. As tradições administrativas dos Estados nacionais, associadas, nesse quadro histórico, às condições de respostas, em cada caso, àquilo que se convencionou chamar de “explosão documental”, seguem influenciando fortemente as concepções de Arquivologia (como área voltada apenas para os arquivos históricos ou como área que inclui também os arquivos correntes e intermediários). Influenciam também as práticas arquivísticas e até mesmo, a partir da emergência da gestão de documentos, o entendimento do que é um arquivista, no mundo anglo-saxão, diferenciado do gestor de documentos, e de como educar um sujeito para que ele se torne um arquivista. Ou seja, havia uma tendência, naquele momento, ao menos no mundo anglo-saxão, a uma maior proximidade com a administração. O arquivista deixou de ser um “historiador”, mas essa visão cede espaço às perspectivas do arquivista como “administrador”.

Nesse cenário histórico, o fazer arquivístico exige do arquivista não apenas a teoria arquivística e os conhecimentos da História e do Direito, mas também profundos conhecimentos da área de Administração.

Especialmente após os anos 90 do século XX, as novas formas de produção e uso da informação arquivística provocam novas questões em torno de aspectos teóricos e práticos da área. São questionados os nossos objetos, nossos métodos, o documento digital, a web, a perspectiva não custodial, o funcionamento das instituições e serviços, a identidade do arquivista, sua formação, a pesquisa. Discutia-se, naquele momento, de uma maneira muito frequente a disciplinaridade e a interdisciplinaridade da Arquivologia.

Nesse contexto, o fazer arquivístico exige do arquivista não apenas a teoria arquivística, não apenas mais somente conhecimentos da História e do Direito e da Administração, mas também das tecnologias da informação, da Comunicação, da Sociologia, da Antropologia, da Ciência da Informação.

Chegamos ao atual momento com todas essas demandas que passam a ser inerentes ao trabalho do arquivista em diversos planos de sua atuação. A Arquivologia, desde os seus marcos fundadores, é uma disciplina com vocação multi, pluri e interdisciplinar. Em todas as atividades arquivísticas, o arcabouço teórico e os métodos e técnicas da Arquivologia são acionados, evidentemente. No entanto, não gerenciamos os arquivos apenas com os instrumentos teóricos e metodológicos da Arquivologia.



Necessitamos em diversos momentos e em graus variados, da Administração, da História, do Direito, da Sociologia, da Antropologia, da Ciência da Informação, da Ciência da Computação e outros campos de conhecimento. Enfim, o trabalho arquivístico é de natureza, no mínimo, multidisciplinar.

Lindo, mas como é que operamos essa interdisciplinaridade com qualidade? Como podemos dar conta dessa interdisciplinaridade na nossa formação, na nossa atualização profissional, na nossa pesquisa?

A interdisciplinaridade ou outros graus de relação da Arquivologia com outros campos tem sido pouco explorada, enquanto questão epistemológica, pela própria Arquivologia. Ao longo de muitos anos, pelo menos até vinte anos atrás, essas relações faziam parte da Arquivologia, mas não eram problematizadas. A partir de um novo quadro emergente após o anos 90, a discussão da interdisciplinaridade entra na nossa agenda de discussão, finalmente.

Supondo que, durante algum tempo ocorreu uma certa “inércia epistemológica” na Arquivologia, esse cenário foi realmente alterado nessas duas últimas décadas? Há indícios que sim.

Essa discussão tem sido ampliada em razão de vários aspectos: as novas configurações da produção e uso da informação; o fenômeno informacional contemporâneo, marcado pela tecnologia da informação; os novos questionamentos sobre a identidade do arquivista e a natureza do trabalho arquivístico e a produção de conhecimento arquivístico que passa a ser também uma tarefa da universidade, relativizando o domínio técnico da área a partir das instituições arquivísticas. Isso se dá porque a pesquisa em Arquivologia se faz necessária para além das motivações mais imediatas da gestão arquivística. Não se trata mais somente de produzir conhecimento para o programa de classificação arquivística a ser estabelecido pelo arquivo nos próximos dois anos. Agora é preciso também investigar e obter respostas que reorientem esses programas de classificação nos médio e longo prazos, em um quadro das redes de informação, face a usos remotos dos acervos, por exemplo. Isso tudo só se consegue com pesquisa. Ao se fazer necessária a construção de agendas de pesquisa em Arquivologia é necessário, portanto, discutir epistemologicamente a própria terminologia, os nossos métodos, os nossos universos de atuação e estas questões interdisciplinares do campo.

A essa altura, do ponto de vista da história das ciências, nós podemos até afirmar como uma hipótese bastante razoável, que a perspectiva interdisciplinar na área de Arquivologia, alcança graus de consolidação bastante nítidos. Um bom exemplo da interdisciplinaridade está, por exemplo, no projeto de pesquisa que é o InterPARES (International Research on Permanent Authentic Records in Electronic Systems). O InterPARES, envolve a Arquivologia, a Ciência da Computação, Filmes, Geografia, História, Direito, Biblioteconomia e várias outras áreas..

Aos poucos, o campo vai assumindo mais claramente suas novas demandas e desnaturalizando a co-relação com outras áreas. Questiona-se sobretudo a naturalização que se deu a partir de uma perspectiva da Arquivologia como uma ciência auxiliar da História ou uma espécie de ciência auxiliar da Administração.



É importante ressaltar que essa perspectiva interdisciplinar não é, porém, plenamente consolidada. É uma vertente em construção que acolhe profissionais que dela partilham, tanto quanto é objeto de discordância de outros. Esse, aliás, é um dos embates do campo, expresso basicamente em três visões que estão aí:

- a visão da Arquivologia com um campo autônomo, com bases consolidadas e, de certa forma, ciência auxiliar da História;
- a visão da Arquivologia como uma disciplina que constitui uma sub-área da Ciência da Informação (uma visão que ganha espaço especialmente no Brasil, sem maior veiculação internacional);
- a visão de Arquivologia com uma disciplina científica em permanente construção, dotada de autonomia, porém exercida (ou potencialmente) exercida em diversos aspectos mediante relações interdisciplinares com a História, a Administração, a Ciência da Informação, a Biblioteconomia, a Museologia, a Sociologia, etc. Essa é hoje a minha perspectiva.

Por que temos discutido tanto as relações interdisciplinares entre Arquivologia e Ciência da Informação?

1. As possibilidades da perspectiva interdisciplinar na produção de conhecimento expressam uma questão forte, presente, nas agendas de políticas de pesquisa, educação e inovação na contemporaneidade.
2. A discussão da interdisciplinaridade da Arquivologia ganha proporções à luz desse quadro, num momento em que efetivamente o fazer arquivísticos se defronta com novas possibilidades e desafios que impõe a interlocução com outras áreas. Um exemplo: os princípios da representação da informação, no cerne da Ciência da Informação, extremamente interessantes para refletirmos sobre a descrição arquivística.
3. Conforme o trabalho que já desenvolvi inicialmente com a Profa. Odila Fonseca, posteriormente o livro da Profa. Odila e outros trabalhos da Profa. Georgete Medleg Rodrigues, essas interfaces que envolvem Arquivologia e Ciência da Informação no Brasil ainda são muito tênues e escassas, nos dois campos.
4. Por outro lado, cabe lembrar novamente que muitas vezes a interdisciplinaridade é uma retórica sedutora que nem sempre se plasma em processos concretos envolvendo dois ou mais campos do conhecimento. O princípio da interdisciplinaridade é muito convidativo, mas o fazer interdisciplinar é extremamente complexo e sofisticado. No caso da Arquivologia e da Ciência da Informação, parece que falamos mais dessas possibilidades interdisciplinares do que efetivamente as praticamos. Efetivamente, essas relações ainda estão longe de serem estreitas.



Algumas questões merecem ser reconhecidas nesse debate entre as possíveis relações envolvendo Arquivologia e Ciência da Informação. Algumas dessas questões do meu ponto de vista, talvez produzam alguns equívocos e resultam de outros tantos.

Um equívoco é a perspectiva, pelo menos em algumas interpretações, de que a Arquivologia é uma modalidade pragmática ou universo de aplicação da Ciência da Informação. Essa perspectiva reduz a Arquivologia a um campo de aplicação da Ciência da Informação, passando ao largo dos dispositivos teóricos da área. Ainda que os dispositivos teóricos da Ciência da Informação possam e devam ser aplicados no universo empírico arquivístico, isso não equivale necessariamente a uma relação de subordinação da Arquivologia em relação à Ciência da Informação. Essa concepção vem ganhando espaço no Brasil, inclusive, de alguma forma, no campo arquivístico. Talvez essa visão ganhe adesões em função das necessidades de institucionalização da Ciência da Informação no Brasil.

Um outro equívoco, é a idéia de que a Arquivologia, junto com a Biblioteconomia e a Museologia, constituem-se na base da Ciência da Informação. Ao menos em relação à Arquivologia, basta analisar a história da área e também da Ciência da Informação para verificar que essa afirmação é inconsistente.

Da mesma forma, parece-me equivocada a perspectiva de que a autonomia da Arquivologia é incompatível com o imperativo da sua interdisciplinaridade. Autonomia e relações interdisciplinares não são categorias excludentes. Um campo de conhecimento pode manter relações interdisciplinares com diversas outras áreas sem que sua autonomia, como um campo, seja diluída. Autonomia não significa insulamento.

Nesse cenário, parece ter algum espaço no Brasil a percepção de que as distinções entre Arquivologia e Biblioteconomia seriam artificiais. Ora, todos os recortes do campo científico são artificiais. Não são resultados “naturais”. Resultam de embates, convergências, divergências, interpretações e vários fatores históricos. Ainda assim, o reconhecimento de que as informações que são objeto da Arquivologia não são as mesmas que são objeto da Biblioteconomia e da Ciência da Informação parece-me fazer sentido em termos teóricos, empíricos e metodológicos. Isso não nos impede de reconhecermos zonas de convergência e uma agenda comum de interesses de investigação com a Ciência da Informação, a Biblioteconomia e a Museologia.

Parece-me também equivocada a interpretação de que a Biblioteconomia teria, no Brasil, estreitas relações com a Arquivística porque essas duas áreas são contempladas frequentemente, em nossas universidades, pelos Departamentos de Ciência da Informação. Claro que o convívio de profissionais desses campos num mesmo recorte institucional como um Departamento de Ciência da Informação pode propiciar um ambiente favorável a relações entre as duas disciplinas, mas isso não é, por si só, um condicionante. Como sabemos, não se produz interdisciplinaridade apenas pelo fato de um Departamento de Ensino ter arquivistas e bibliotecários trabalhando lado a lado. Isso é uma caricatura de interdisciplinaridade. O fundamental são as interlocuções na pesquisa, no ensino, no reconhecimento das singularidades e especificidades nos diálogos entre esses campos.



Um outro aspecto diz respeito ao número considerável de dissertações e teses produzidas nos programas de pós-graduação em Ciência da Informação, com temáticas voltadas ou pelo menos relacionadas à Arquivística.

A ausência de um programa de Mestrado e Doutorado em Arquivologia, no Brasil, nos últimos 15 anos, levou a uma procura, por parte dos arquivistas, a programas de pós-graduação em diversas áreas. Essa demanda levou profissionais da Arquivologia para a pós-graduação em História, Administração, Educação, Engenharia de Produção, sendo mais frequente o recurso à pós-graduação em Ciência da Informação. Muitos desses programas, zelosos das suas perspectivas interdisciplinares, acolheram essas perspectivas mesmo sem poderem, na maioria absoluta dos casos, com um corpo docente que tivesse proximidade com as inquietações procedentes da Arquivologia.

Em nenhum desses casos, a procura derivou de sinais evidentes de uma perspectiva interdisciplinar por parte desses programas de Ciência da Informação em relação à Arquivologia. Nenhum deles decidiu que bastaria ter relações interdisciplinares com a Arquivologia, até porque isso não é uma decisão que nasce dessa forma. Isso nasce no cotidiano, nos bastidores da pesquisa. No caso da Ciência da Informação, só muito recentemente, ainda timidamente, alguns programas de pós-graduação passaram a oferecer disciplinas sobre informação arquivística.

É muito interessante um levantamento recentemente feito pelo Eliezer Pires da Silva na sua dissertação sobre “*A noção de informação arquivística presente na produção de conhecimento em Arquivologia no Brasil*”. Nesse levantamento, foram identificados 97 trabalhos com temática arquivística produzidos em diferentes programas de pós-graduação e áreas do conhecimento entre 1996 e 2006. 43% desses trabalhos estão na Ciência da Informação, em torno de 18% na História, 7% em Educação, Comunicação, Memória Social. Será necessário uma análise dessas teses e dissertações para podermos afirmar se efetivamente as relações interdisciplinares começam a se fazer evidente.

É possível, nesse quadro, supor que um Mestrado em Arquivologia provocaria uma alteração? Claro que provocaria! Não tenho dúvidas de que se nós conseguirmos oferecer mestrados na nossa área e, numa perspectiva a longo prazo, o doutorado, absorveremos muito dessa demanda. Isso não exclui de forma nenhuma a legitimidade do profissional de Arquivologia que continuará a procurar a sua pós-graduação em História, em Administração, ou em Ciência da Informação. Afinal, o nosso campo é interdisciplinar. Nós não estamos fadados a trabalharmos com pesquisa apenas numa pós-graduação em Arquivologia, mas estamos condenados a uma posição periférica como campo de conhecimento se, além da graduação, não criarmos a pós-graduação *stricto sensu* em Arquivologia no Brasil.

Enquanto não contarmos com programas de pós-graduação *stricto sensu* em Arquivologia, a pesquisa na área, no Brasil, continuará a produzir estatísticas a favor, especialmente, da Ciência da Informação. Os dados quantitativos das teses e dissertações sobre arquivos e informação arquivística, produzidas em programas de pós-graduação em Ciência da Informação, são considerados, na CAPES e no CNPq, como produção da Ciência da Informação e não da Arquivologia (que, dessa forma, perde em institucionalização em termos de campo científico). Isso acaba reiterando uma falsa



visão, que começa a ganhar espaço no Brasil, de que a Arquivologia é uma sub-área da Ciência da Informação.

Falo a respeito muito à vontade porque eu transito nos dois campos. O meu mestrado e o meu doutorado são em Ciência da Informação, discutindo informação arquivística. E aqui não expresso nenhuma perspectiva redutora, limitada, corporativista. Não se trata absolutamente disso.

O fato é que atualmente todas as demandas de desenvolvimento científico da Arquivologia que envolvem o Estado brasileiro (e quem financia a pesquisa no Brasil é o Estado brasileiro) passa necessariamente pela área de Ciência da Informação. O que significa a ausência, nas agências de fomento, de pesquisadores no campo da Arquivologia para a avaliação das demandas da área? A demanda da área de Arquivologia é avaliada por pesquisadores de outras áreas. No caso, sobretudo da Ciência da Informação.

E, claro, hegemonia existe, como já nos ensinou o bom e velho Gramsci. Se as agências de fomento tem poucos recursos para pesquisa, se existe a possibilidade de contemplar apenas poucos pedidos, se não há pesquisadores da área de Arquivologia na avaliação das demandas e se existe toda uma estrutura hegemônica que favorece a Ciência da Informação, é previsível, por exemplo, que os projetos sobre biblioteca virtual ou sobre um Congresso Internacional de Biblioteca Virtual tenham mais possibilidades de serem contemplados dos que os do campo arquivístico. Isso é seríssimo! É seríssimo e só passaremos a romper esse quadro na medida em que tivermos mais doutores nos cursos de Arquivologia, mais profissionais buscando seus mestrados e doutorados e nos organizando, inclusive institucionalmente, como Associação de Pesquisa em Arquivologia.

Alterar esse quadro requer mais profissionais pesquisando, difundindo conhecimento arquivístico e ocupando espaço nas estruturas governamentais de Ciência e Tecnologia. Isso pressupõe um trabalho árduo em termos de pesquisa e publicação, mas também político. É mais do que necessário uma Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa em Arquivologia. Os profissionais de ciência no Brasil que não se organizam dessa forma, não constituem grupos de pressão na busca pelas verbas de pesquisa na área. No momento o quadro é este. Eu sou otimista, mas creio que precisamos ter claramente consciência sobre isso.

A Arquivologia, no quadro das áreas de conhecimento do CNPq (de acordo com a tabela das áreas de conhecimento que informa toda a política científica do Governo Federal e também das instituições que trabalham com as pesquisas nos Estados), está dentro da área de Ciências Sociais Aplicadas e dentro da área de Ciência da Informação. Na área de Ciência da Informação temos: Teoria da Informação, Teoria Geral da Informação, Processos da Comunicação, Representação da Informação, Biblioteconomia, Teoria da Classificação, Métodos Quantitativos, Técnicas de Recuperação de Informação, Processos de Disseminação da Informação e Arquivologia e Organização de Arquivos. A diferença entre “Arquivologia” e “Organização de Arquivos” é incompreensível. Isso é mais um exemplo de que estamos passando bastante ao largo ainda de interdisciplinaridade. Porque se houvesse algo parecido com



interdisciplinaridade, esse desenho acadêmico-político da área de Arquivologia não estaria elaborado dessa forma.

Estamos hoje numa disputa, num embate do campo para que na nova proposta das áreas do conhecimento dentro do CNPq e da CAPES, a Arquivologia seja identificada como um campo autônomo. Nessa nova proposta, a Arquivologia é reconhecida como área de conhecimento autônoma. Essa proposta, de 2005, que encontra resistência na área de Ciência da Informação, ainda não foi implementada. É importante assinalar que o CONARQ e a AAB se pronunciaram a favor desse proposta junto ao CNPq.

Evidentemente há tendências contrárias, sobretudo enquanto nós estivermos aumentando as estatísticas da Ciência da Informação. Eu não estou aqui a sugerir uma guerra santa. Não é isso. E muito menos trata-se uma visão belicosa em relação à Ciência da Informação que é um campo no qual nós atuamos. Sugiro, sim, uma maior vigília, uma ação mais sistemática da nossa área em relação à essa questão.

Por último, gostaria de mencionar que para visualizar um pouco mais esse cenário, analisei três anos do Encontro Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Ciência da Informação, um encontro realizado pela Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Ciência da Informação. Analisei 451 trabalhos apresentados em 2006, 2007 e 2008. Desses 451 trabalhos da área de pesquisa em Ciência da Informação, apenas 12(4%), revelavam elementos que tinham como objeto de análise, total ou parcial, os arquivos. Ao menos quantitativamente, a interdisciplinaridade está longe de ser evidente, no caso específico.

Cabe lembrar que a discussão brasileiras sobre as relações entre Arquivologia e Ciência da Informação não apresenta a mesma proporção em termos internacionais. Não estou dizendo com isso que uma discussão especificamente brasileira seja menos legítima. Mas, nessa escala, parece ser algo absolutamente brasileiro. Se você conversar com colegas de alguns países e tentar explicar que a Arquivologia no Brasil é uma sub-área da Ciência da Informação na classificação de agências estatais de fomento à pesquisa, a expressão tende a ser de surpresa por parte da grande maioria.

Esse não é um debate só epistemológico. É também uma questão de política, especialmente se consideramos as políticas no mundo científico.

Enfim, para concluir, penso que a interação da Arquivologia com outros campos é efetivamente rica. Nós temos que buscá-la na nossa perspectiva, no fazer arquivístico, no ensino, na produção de pesquisas. Os níveis de interação com alguns desses campos ainda são precários, de parte a parte. Espero que cada vez mais fique evidenciado a importância desse diálogo da nossa parte, como atitude do campo da Arquivologia. Mas é necessário nós refletirmos um pouco mais sobre como esses diálogos são construídos, os resultados, as hipóteses, tanto na prática profissional, como no ensino, como na pesquisa. E ao fazê-lo, nós certamente contribuiremos para ampliarmos a Arquivologia como campo científico, reconhecendo a riqueza das suas possibilidades interdisciplinares.

Muito obrigado.



Bibliografia:

ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIENCIA DA INFORMACAO, 7, 2006, Marília. **Anais eletrônicos...** Marília: UNESP, 2006. Disponível em: < www.portalppgci.marilia.unesp.br/enancib/program.php >. Acesso em: 21 ago. 2008

ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIENCIA DA INFORMACAO, 8, 2007, Salvador. **Anais eletrônicos...** Salvador: UFBA, 2007. Disponível em: < http://www.enancib.ppgci.ufba.br/apres_anais.htm >. Acesso em: 22 ago. 2008

ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIENCIA DA INFORMACAO, 9, 2008, São Paulo. Disponível em: < <http://www.enancib2008.com.br/> >. Acesso em: 22 ago. 2008

GIRA. **La place de l'archivistique dans la gestion de l'informations: perspectives de recherches.** Montreal: Ministaire des Affaires Culturelles/Archives Nationales du Quebec, 1990.

HECKHAUSEN, H. Discipline and Interdisciplinarity. In: OCDE/CERI, **L'Interdisciplinarité: problemes "enseignement et de recherche dans les universités.** Paris: OCDE, 1972.

JAPIASSU, Hilton. **Interdisciplinaridade e Patologia do Saber.** Rio de Janeiro: Imago, 1976.

JARDIM, José Maria, FONSECA, Maria Odila. As relações entre a arquivística e a Ciência da Informação. **Cadernos BAD**, Lisboa, v. 2, p. 29-45, 1992.

MAHEU, Cristina d' Ávila. **Interdisciplinaridade e mediação pedagógica.** Disponível em: www.nuppead.unifacs.br/artigos/interdisciplinaridade.pdf Acesso em: 09 jun. 2008

MARQUES, Angelica Alves da Cunha ; RODRIGUES, Georgete Medleg . A constituição do campo científico da arquivística e suas relações com a Ciência da Informação. In: VIII Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação, 2007, Salvador. **Anais do VIII ENANCIB**, 2007.

POMBO, Olga. Contribuição para um vocabulário sobre interdisciplinaridade. In: POMBO, Olga; LEVY, Teresa; GUIMARÃES, Henrique. **A interdisciplinaridade: reflexão e experiência.** Lisboa: ed.Texto, 1993,p.8-14. Disponível em: <<http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/opombo/mathesis/vocabulario-interd.pdf>>. Acesso em: 10 jun. 2008

POMBO, Olga. Interdisciplinaridade e integração dos saberes. **Liinc em Revista.** Rio de Janeiro, v.1, n.1, p.4-16, 2005.

POMBO, Olga. Epistemologia da Interdisciplinaridade. In Carlos Pimenta (coord.), **Interdisciplinaridade, Humanismo e Universidade.** Porto: Campo das Letras, pp. 93-124, 2004.



**ENARA - Executiva Nacional das
Associações Regionais de Arquivologia**

Arquivistas unidos pelo fortalecimento da profissão!!!

RODRIGUES, G. M. ; CUNHA, A. A. . A inserção da Arquivística nos cursos de pós-graduação stricto sensu no Brasil. **RBPG. Revista Brasileira de Pós-Graduação**, Brasília, v. 3, p. 75-92, 2004

RODRIGUES, G. M. . A pesquisa em Arquivística na pós-graduação no Brasil: balanço e perspectivas. **Cenário Arquivístico**, Brasília, v. 1, p. 31-39, 2001.

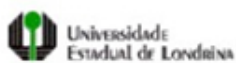
CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFPE, 4., 1996, Recife. **Anais eletrônicos...** Recife: UFPe, 1996. Disponível em: <<http://www.propoesq.ufpe.br/anais/.htm>>. Acesso em: 21 jan.1997.



III Congresso Nacional de Arquivologia

20 a 24 de outubro – Rio de Janeiro

Apoiadores :



Patrocínio



Realização



Organização

